



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.



S U M Á R I O

- 2** | *O gás boliviano, o Mercosul e a liderança brasileira na América do Sul. Um sonho desfeito?*

João Fábio Bertonha

- 6** | *O debate constitucional e democrático na União Européia no contexto do alargamento do bloco europeu*

Carlos Ribeiro Santana

- 8** | *Saída Diplomática na Bolívia*

Emerson Maione de Souza

- 10** | *O Julgamento de Saddam Hussein e o Futuro da Democracia Iraquiana*

Seme Taleb Fares

- 13** | *Espanha: pausa para negociar a paz?*

Virgílio Arraes

Espanha: pausa para negociar a paz?

Virgílio Arraes*

Desde o atentado de setembro de 2001 aos Estados Unidos, governos conservadores do Ocidente aproveitam-se do evento com o objetivo de reforçar suas ações contra grupos políticos dissidentes em seus territórios. Em decorrência da insegurança permeada entre a população norte-atlântica, especialmente de países cujas tropas servem no Iraque ou Afeganistão, medidas de força legitimam-se, à medida que a oposição ao terrorismo englobe tanto adversários externos como internos.

Na Europa, dois dos casos mais simbólicos relacionam-se à Espanha e Grã-Bretanha com vistas, respectivamente, ao ETA (Euskadi Ta Askatasuna, ou seja, Pátria Basca e Liberdade) e IRA (Irish Republican Army ou Exército Republicano Irlandês). Ambos aspiram à independência e, por conseguinte, à constituição de um novo país ou à integração a outro – no caso, a Irlanda. Todavia, com o fim da Guerra Fria, assiste-se paradoxalmente à emergência de novos Estados na Europa Oriental, ávidos de ingressar na União Européia, enquanto, na parte Ocidental, diminuem-se as possibilidades de novos países. No caso basco, uma possível resposta seria a autonomia considerável obtida após o fim da ditadura de Francisco Franco. No entanto, acresça-se que a repressão a movimentos independentistas fortaleceu-se com a presença do Partido Popular no poder.

Em março último, o ETA havia anunciado seu cessar-fogo, aparentemente de modo definitivo e de caráter binacional, ainda que sem a deposição de armas – em 1998, a interrupção das atividades militares duraria apenas dois anos, porém, desde maio de 2003, não há mais assassinios.

Durante a gestão Aznar, ele mesmo neto paterno de um nacionalista basco convertido ao

franquismo, inúmeros etarras seriam presos e apresentar-se-ia ao eleitorado o enfraquecimento da organização, classificada como um dos 42 agrupamentos terroristas, de acordo com a legislação dos Estados Unidos, e um dos 46 na visão da União Européia, a qual em junho de 2004 incluiria o partido Herri Batasuna (Unidade do Povo) como parte dela.

Um dos pontos mais simbólicos do conservadorismo do período Aznar foi a condecoração póstuma, por meio da medalha de ouro do Mérito Civil, a Melitón Manzanás, ele mesmo basco, delegado de polícia e chefe da Brigada de Investigação Social (polícia secreta) em Donostia/San Sebastian, capital de Guipúscoa. Em agosto de 1968, Manzanás seria o primeiro nome importante a tombar pela ação do ETA. Em um comunicado à televisão belga, o grupo justificaria sua morte por ele ter-se envolvido diretamente com torturas a opositores – independentistas, sindicalistas, comunistas e socialistas – do regime de Franco.

Recorde-se que Manzanás havia recebido inúmeras distinções durante a ditadura espanhola, dentre elas a Cruz do Mérito Policial em 1964, pela eficácia investigativa, fruto dos métodos ‘heterodoxos’ empregados por sua equipe junto aos detidos. Uma de suas vítimas teria sido o escritor hispano-marroquino Luís Martín-Santos, autor de **Tiempo de Silencio**.

Durante seu mandato, Aznar visitaria os Estados Unidos mais de uma dezena de vezes e apoiaria a iniciativa da II Guerra do Golfo, em março de 2003 – no mesmo dia daquele mês em que Bush lançou seu ultimato à família de Saddam Hussein para deixar o Iraque em 48 horas, a instância judiciária máxima do país proscreeu o Batasuna, por não condenar explicitamente o terrorismo, conforme estabelecido por uma lei de junho de 2002, resultante

do consenso entre o Partido Popular e o Partido Socialista Operário Espanhol. Na época, o partido basco, embora tivesse sido o segundo partido mais votado na eleição anterior, agregava apenas 10% do corpo parlamentar da região.

Destarte, o Executivo norte-americano incluiria o país como parte da 'Nova Europa', grupo composto de oito países, em franca oposição aos desígnios da 'Velha', constituída por França e Alemanha, partidárias da ênfase da utilização da diplomacia com o Iraque.

Entretanto, o governo se debilitaria perante a opinião pública ao acusar o ETA de efetivar o ataque a trens em Madri na semana antecedente à eleição em março de 2004, que ocasionaria a morte de quase 200 pessoas, além de milhares de feridos. Dois dias depois, as investigações apontariam o envolvimento de radicais islâmicos como retaliação à presença espanhola na Guerra do Golfo.

Como conseqüência da manipulação, o Partido Popular, de Aznar, apontado favorito antes do pleito, seria derrotado pelo Partido Socialista Operário Espanhol, capitaneado por José Luis Rodríguez

Zapatero, beneficiário involuntário da temerária manobra política. De certo modo, a ação maniqueísta do governo José María Aznar refletiria, em menor escala, a do governo norte-americano em relação à atuação no Oriente Médio, cujo fracasso é inegável.

Não obstante a malograda tentativa de manejo da opinião pública, o Partido Popular resiste à expiação, de forma que não apóia a iniciativa de Zapatero de reunir-se com os principais líderes bascos publicamente, mediante autorização do Congresso, a fim de se chegar a um consenso acerca da situação política da região.

A justificativa ampara-se na visão de que não há legitimidade para negociar com renegados, partidários do terrorismo, contestadores da ordem ou da legislação vigente. Com tal postura no Oriente Médio, os neoconservadores dos Estados Unidos reiteram a belicosidade nas relações sociais, sem conseqüentemente vislumbrar paz no curto prazo. Resta aos seus equivalentes na Espanha, agora liderados por Mariano Rajoy, o difícil encargo de comprovar que há viabilidade com tal posicionamento.



Meridiano 47

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais



ISSN 1518-1219

Editor: Antônio Carlos Lessa

Editor-adjunto: Virgílio Arraes

Editor-assistente: Rogério de Souza Farias

Conselho Editorial:

Amado Luiz Cervo, Antônio Jorge Ramalho da Rocha, Argemiro Procópio Filho,

Estevão R. Martins, Francisco Doratioto, José Flávio S. Saraiva, João Paulo Peixoto, Tânia Pechir Manzur.

Projeto Gráfico: Samuel Tabosa de Castro – samuel.tabosa@gmail.com